

A DISCUSSÃO DA IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

Antonio Flavio Barbosa Moreira

Professor da Universidade Católica de Petrópolis -

UCP Doutor em Educação - University of London

Regina Celi Oliveira da Cunha

Professora da Faculdade de Educação -

UFRJ Doutora em Educação - UFRJ

RESUMO

A temática da identidade tem ocupado lugar de relevo no panorama acadêmico contemporâneo, por razões políticas, teóricas e práticas. No caso da teorização pedagógica, tem-se realçado a necessidade de se discutir a identidade do educando, tendo em vista que o fim do processo educativo escolar é que esse educando venha a atribuir significados e a agir socialmente de modo autônomo. Este estudo visa a verificar se e como diferença e identidade têm sido consideradas em cursos de formação docente em nível superior. Com base em entrevistas com docentes do curso de Pedagogia de uma universidade pública no Rio de Janeiro, concluiu-se que a discussão já vem sendo travada nessa universidade. Algumas dúvidas e contradições parecem marcar o processo. Nas conclusões, destacamos aspectos que parecem constituir tensões e desafios a serem enfrentados na abordagem da questão.

Palavras-chave: identidade – formação docente – curso de Pedagogia

ABSTRACT

The discussion of identity has been a central issue on the contemporary academic scenery for political, theoretical and practical reasons. As far as pedagogic discourse is concerned, the need of discussing student's identity has been emphasized, bearing in mind that the aim of school educational process is to enable the student to develop meanings and to behave autonomously in social circumstances. This study attempts to verify if and how identity and difference are dealt with in undergraduate teacher training courses. Drawing on interviews with lecturers from Pedagogy Course at a public university in Rio de Janeiro, it was possible to conclude that the issue has already been discussed at that university. Some doubts and contradictions seem to permeate the work. In our conclusions, we emphasize some points that may represent tensions and challenges to be considered by the lecturers.

Keywords: identity – teacher training course – Pedagogy Course

Recebido em maio de 2008

Aprovado para publicação em julho de 2008

A DISCUSSÃO DA IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE¹

Antonio Flavio Barbosa Moreira

Regina Celi Oliveira da Cunha

Jamais deixei de me espantar diante do (...) fato de que (...) a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo naturais (Pierre Bourdieu)

Introdução

A temática da identidade tem ocupado lugar de relevo no panorama acadêmico contemporâneo, por razões políticas, teóricas e práticas. Em termos políticos, sua atualidade evidencia-se nas lutas travadas por inúmeros grupos sociais (negros, mulheres, homossexuais etc), alvos de inaceitáveis preconceitos e discriminações, contra a situação de opressão que os têm atingido. Tais grupos têm conquistado espaços e afirmado seus direitos à cidadania, difundindo no tecido social a certeza de que as diferenças que os têm afastado dos grupos tidos como normais, superiores e capazes, constituem, de fato, construções sociais e culturais que visam a legitimar e garantir privilégios.

Em termos teóricos, tem-se sugerido que o objeto principal de investigação para as ciências sociais e humanas seja a identidade, o que se verifica hoje em numerosos textos de sociologia, psicologia, antropologia, filosofia e pedagogia, a despeito das diferentes ênfases em cada uma dessas áreas do conhecimento. Ou seja, olhares diversificados têm sido empregados em recorrentes análises de processos culturais, nos quais se produzem, preservam, afirmam ou renovam identidades e diferenças.

¹ O presente texto constitui produto da pesquisa *Currículo, identidade e diferença: embates na escola e na formação docente*, apoiada pelo CNPq e coordenada por Antonio Flavio Barbosa Moreira. As seguintes pesquisadoras integraram o grupo de pesquisa: Ana Paula Arbache, Bárbara Nogueira, Diana Couto Pinto, Élide Caula Alves Ferreira, Marcella da Silva Estevez Pacheco, Merise Santos de Carvalho e Regina Celi Oliveira da Cunha.. Trata-se de versão atualizada de trabalho apresentado no XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, realizado em Recife, em maio de 2006.

No caso da teorização pedagógica, tem-se realçado a necessidade de se discutir a identidade do educando, tendo em vista que o fim do processo educativo escolar é que esse educando venha a atribuir significados e a agir socialmente de modo autônomo (MIEDEMA e WARDEKER, 1999). No caso específico da teorização sobre currículo, tem-se insistido na pertinência de se aprofundar a compreensão das relações entre currículo, poder e identidade (SILVA, 2002).

Daí a importância de estudos que focalizem a prática curricular, buscando compreender como as identidades de nossos estudantes vêm se formando tanto em experiências vividas nas salas de aula, assim como nas representações e nos discursos que nelas circulam. Entre os espaços institucionais de que participamos, a escola propicia, à criança e ao adolescente, oportunidades ímpares de aprendizagem e de interações com pares e com professores. Se entendermos as identidades como cambiantes, contestáveis e discursivamente construídas, o que se diz, o que se aprende e o que se faz na sala de aula podem viabilizar tanto a preservação quanto o questionamento de determinadas identidades sociais.

Mostra-se evidente a importância do professor nesse processo. A posição de líder nas assimétricas interações da sala de aula, assim como o papel de autoridade textual em situações em que textos são produzidos, lidos e interpretados, reafirmam a sua centralidade na construção das identidades sociais de seus alunos (MOITA LOPES, 2002). Se essas identidades precisam ser objeto da atenção do docente, é lícito sustentar que a temática das identidades deve constituir parte nuclear dos programas de preparo do professorado. Como bem resume Sarup (1995), as questões sobre identidade precisam incorporar-se tanto no currículo das escolas como no preparo do professorado.

Nosso propósito, neste estudo, é verificar se e como diferença e identidade têm sido consideradas em cursos de formação docente em nível superior. Para isso, realizamos entrevistas semi-estruturadas com professores do curso de Pedagogia de uma universidade pública situada no Rio de Janeiro. O curso de Pedagogia foi escolhido por configurar espaço, cada vez mais usual, de habilitação dos futuros professores da educação infantil e do primeiro segmento do ensino fundamental. A universidade foi escolhida por se tratar de instituição de ensino superior tradicional no país, reconhecida pela qualidade das atividades de ensino e pesquisa que nela se processam.

Selecionamos seis docentes, responsáveis por disciplinas como Currículo, Didática, Filosofia, Metodologia da Pesquisa, Sociologia da Educação, Prática de Ensino de Educação Infantil, Antropologia Cultural e Psicologia da Educação. Consideramos que, embora em qualquer disciplina seja possível e desejável que o tema da identidade possa ser tratado, nas disciplinas em pauta seria quase inviável ignorá-lo ou secundarizá-lo.

As entrevistas com os docentes (cinco mulheres e um homem, dos quais cinco com doutorado e um em processo de doutoramento) foram realizadas na própria instituição, com duração de 60 a 90 minutos. Gravadas e transcritas, permitiram-nos responder a algumas questões orientadoras do estudo. Como os professores universitários, que formam futuros docentes, valorizam e incorporam, em seus cursos, a preocupação com a construção de identidades? Que traços das identidades constituem alvos centrais das atenções? Que estratégias e recursos são selecionados para as discussões? Que concepções de identidade os professores escolhem adotar?

A análise das entrevistas realizadas desencadeou-nos algumas reflexões, levando-nos a argumentar que é viável e conveniente a concretização de um processo de formação de professores no qual a sensibilidade às identidades ocupe lugar de destaque. Sustentamos também que os esforços que já se fazem nessa direção podem contribuir para esboçar novos caminhos teóricos e práticos que fortaleçam o projeto.

Estrutturamos o texto do seguinte modo. Na primeira parte, situamos nosso olhar teórico, abordando, particularmente, a concepção de identidade na contemporaneidade. Na segunda, focalizamos o tratamento dado à temática pelos professores entrevistados. Apresentamos, ao final, as reflexões que nos foram suscitadas pelas entrevistas.

Identidade: um tema a integrar a formação docente

Na contemporaneidade, transformações econômicas, políticas, sociais e culturais desafiam as concepções mais usuais de identidade pessoal e nacional. O fenômeno da globalização, origem de inegáveis mudanças na produção e no consumo, catalisa o surgimento de novas identidades. Novas tecnologias e meios de comunicação, sempre mais velozes, aproximam diferentes tempos e espaços, interligando regiões geograficamente distantes em frações de segundos. Os fluxos migratórios intensificam-se, as identidades transnacionalizam-se e hibridizam-se. Nesse contexto, as identificações nacionais perdem parcela de seu poder e mostram-se menos influentes no processo de construção de identidades (MOREIRA e MACEDO, 2002).

A busca de homogeneidade cultural, estimulada pelo processo de globalização, favorece o estabelecimento de padrões identitários globais, a reafirmação de identidades locais e a emergência de novas articulações e novas posições identitárias (WOODWARD, 2000). Os dois últimos processos evidenciam a pouca flexibilidade da identidade nacional em relação à diversidade cultural e, ao mesmo tempo, estimulam disputas entre distintos grupos identitários, tornando o solo fértil para ódios, preconceitos e discriminações.

Mas a problemática atual das identidades não deriva apenas da diversidade de culturas e de seu complexo cruzamento em um mundo globalizado. No caso específico da América Latina, a dificuldade não consiste apenas em compor uma imagem com a heterogeneidade multicultural e multitemporal das sociedades. Há, também, que se dar conta da atual desintegração que assola o continente, bem como enfrentar o ceticismo que se desenvolve em meio às ruínas do que poderia ser a América Latina. Nesse lastimável cenário, o desafio é como articular as lutas pela diferença com as lutas que resultam da desigualdade em um mundo onde estamos todos interconectados (GARCÍA CANCLINI, 2007).

Trata-se, então, de uma verdadeira crise de identidades. Para Laclau (1996), há que se abandonar a idéia de uma identidade unificada e coerente, aceita na modernidade, por não se considerar mais viável a existência de um núcleo essencial do eu, estável, que passe, do início ao fim, sem mudança, pelos tropeços da história. O que se tem é um sujeito fragmentado, descentrado, deslocado tanto de seu lugar no mundo social como de si mesmo, composto de várias identidades, mutáveis, contraditórias ou mesmo não resolvidas.

– *o sujeito pós-moderno.*

Em estudo já clássico, Stuart Hall (1997a) discute as concepções de identidade da modernidade e da contemporaneidade. Como seu enfoque sintetiza os aspectos que vimos comentando, passamos a expô-lo.

A primeira visão de identidade por ele identificada corresponde ao *sujeito do Iluminismo*. Nela, a pessoa humana é concebida como um indivíduo centrado, equilibrado, dotado de razão, de consciência, de ação. Acredita-se na existência de um núcleo interior, que nasce e se desenvolve com o indivíduo, e que constitui a substância essencial que conforma a identidade.

A segunda associa-se ao *sujeito sociológico*. Nesse enfoque, não há uma identidade essencial, assim como não há um indivíduo passivo que se forme pela internalização de valores culturais estabelecidos. Adota-se uma concepção interativa da identidade e do eu, considerando-se que a identidade se elabora e se modifica em diálogo contínuo com os mundos exteriores e as identidades disponíveis.

As duas noções, muito brevemente resumidas, já não conseguem dar conta da complexidade envolvida nas revisões dos discursos e das práticas identitárias que se dão em meio ao intrincado panorama que se configura nas sociedades contemporâneas, já delineado neste texto. Uma nova concepção, então, é proposta: o *sujeito pós-moderno*. Chega-se a um sujeito fragmentado, composto de várias identidades, algumas contraditórias ou mesmo não resolvidas. Vivem-se

diferentes identidades, que absolutamente não se unificam em torno de um eu coerente e que se modificam ao longo do tempo (HALL, 1997a, 2000; MOREIRA e MACEDO, 2002).

Passa-se a entender o eu como uma produção histórica, cultural e discursiva, como um constante processo de reconstrução. Constituído e sendo constituído por diferentes relações de poder, o eu é relacional, ou seja, define-se por suas relações com os outros (CARLSON e APPLE, 2000). Para sua compreensão, alteridade e contexto emergem como noções cruciais. Em síntese, a identidade social caracteriza-se por fragmentação, contradição e processo (MOITA LOPES, 2002). É incompleta, interminável. É o sujeito em processo (SARUP, 1996). É sempre uma invenção. Forma-se no ponto instável em que as histórias da subjetividade encontram as narrativas da história, da cultura (HALL, 1997b).

Essa recente visão de identidade já vem sendo incorporada em estudos sobre currículo e em propostas curriculares oficiais de municípios brasileiros, instigando o professor, em sua prática curricular, a se afastar de padrões identitários pré-estabelecidos e a atuar aberta e flexivelmente, de modo a favorecer a construção de identidades opostas às perspectivas hegemônicas. Como as identidades não se encontram fixadas, mas estão sempre em processo, construindo-se na e por meio da linguagem, resistências podem ocorrer e propiciar a criação de contra-discursos em que novas posições se definam.

Mudanças, portanto, são possíveis de serem incentivadas e catalisadas no espaço escolar, tanto pela crítica de identidades dominantes como pela compreensão do processo de construção das identidades presentes nesse espaço (MOREIRA, 2005). Reafirmam-se, assim, a importância da ação docente nessas iniciativas e a urgência de se preparar o professorado, nos cursos de formação, para lidar, de modo crítico, criativo e autônomo, com tais questões.

O que dizem sobre identidade os docentes de um curso de Pedagogia

Dos seis docentes entrevistados (Murilo, Isaura, Alba, Andréa, Paula e Marta, todos nomes fictícios), cinco parecem valorizar as discussões sobre a temática. Apenas o professor Murilo, de Sociologia da Educação, afirmou serem muito breves as menções, em seus cursos, a aspectos relacionados à identidade.

Distintos posicionamentos podem ser identificados em relação ao modo como o tema é trabalhado pelos docentes. O primeiro deles expressa um tratamento predominantemente teórico do assunto. Para a professora Alba, por exemplo, identidade constitui presença marcante em seu curso de Currículo, por ser tema de destaque no discurso curricular contemporâneo. “Eu faço essa discussão quando eu faço o comentário das concepções de identidade nas teorias críticas e

nas teorias pós-críticas.” Acrescenta a docente: “tento chamar a atenção para a diferença entre uma e outra perspectiva”.

O segundo corresponde à preocupação com a identidade do aluno do curso de Pedagogia. A professora Marta, de Psicologia da Educação, também valoriza o foco nas identidades, cuja discussão se processa por meio de distintas formas, principalmente levando em conta as identidades dos alunos. “Quando falo da identidade deles (...) eu faço questão de saber quem é quem. (...) Me proponho e consigo: dentro de um mês, eu sei os nomes de todos os meus alunos. Sei um pouco da vida de todos os meus alunos.”

O terceiro posicionamento indica a intenção de trabalhar identidade tanto teoricamente quanto considerando as identidades concretas dos sujeitos presentes na sala de aula. A professora Andréa defende, entusiasmada, a importância da discussão da temática da identidade em suas aulas e acentua que, em Metodologia da Pesquisa, por exemplo, as discussões se processam, por sua iniciativa, de modo a acentuar o papel da identidade do pesquisador nas investigações.

“Eu considero central trabalhar com as identidades, não só como conteúdo (...) como também trabalhar com as próprias identidades daqueles alunos presentes na sala de aula. (...) Eu sou uma identidade, meus alunos são identidades múltiplas também. Como acontece a interação?”

A professora Paula, que leciona a disciplina Prática de Ensino da Educação Infantil, também avalia a discussão como relevante. Comenta que, ao dar voz aos seus alunos e ao incentivá-los a falar sobre o que pensam, cria excelentes ocasiões para discutir identidade. A idéia é que o exemplo seja seguido por eles mais tarde, no exercício profissional. Ou seja, o trabalho com identidade envolve discussões de cunho teórico e referências às identidades dos estudantes do curso, tendo por propósito contribuir para que o tema seja objeto de atenção no desempenho docente. Registra-se, ainda, a preocupação com o desenvolvimento de auto-estima nas crianças.

“A gente vai discutindo assim. Como é que eu vou conhecer essa criança? Como é que ela vive? Quais são as questões dela? Quais são as preocupações? (...) Às vezes fica um pouco abstrato você falar de identidade num sentido amplo. Porque acho que uma criança está nesse processo de construção. O nome é bem característico, mas evidentemente não é só isso. A professora [precisa] valorizar aquilo que a criança traz, enquanto característica mesmo de seu grupo social, uma música que a criança traga, algum objeto que muitas vezes as crianças pequenas trazem, livros, brinquedos, ou relatos do que fez.”

No que se refere aos aspectos das identidades que são trabalhados com os alunos, as atenções tendem a se voltar para raça, gênero e sexualidade, discussões “muito novas” para os alunos, como comenta a professora Alba. Mas, acrescenta com pertinência, é importante cruzá-las com classe social, por ela vista “como uma categoria fundamental”.

Religião acrescenta-se a essas preocupações nas aulas da professora Isaura, responsável pelas disciplinas Filosofia e Antropologia: “mostro como cada religião, cada etnia, tem seu ritual de acasalamento. Expressão que choca sobremaneira as alunas (...). Elas ficam muito nervosas”.

Diversos aspectos identitários são também enfatizados pela professora Marta, preocupada com Psicologia da Educação e Educação Especial. Afirma considerar: “deficiências, minorias culturais, étnicas, raciais, religiosas, físicas no sentido mais simples (gordo, magro, quatro olhos). Essas são muitas das diferenças e há centenas de outras que entram no decorrer das aulas”.

Para a professora Paula, o foco maior é mesmo a infância, objeto central das disciplinas que leciona.

“Então, eu vou trabalhando um pouco a concepção de infância como uma construção cultural, como uma construção histórica, social. (...) Mobilizo para a infância, para que eles entrem em contato com a infância deles e a partir daí tenham um olhar menos romantizado, naturalizado da infância.”

Já a professora Andréa aborda identidades de uma forma mais geral:

“Eu não focalizo um aspecto especificamente. (...) Quando eu trabalho com uma metodologia eu procuro pegar (...) exemplos de pesquisas dentro daquela metodologia. (...) Se eu estou no meu curso de Metodologia da Pesquisa dando histórias orais, eu tendo a pegar pesquisas que vão trabalhar mais com a questão das identidades. (...) nesse caso eu peguei raça e etnia, mas eu poderia pegar, se estiver dando estudo de caso de cunho etnográfico, alguma ilustração de uma pesquisa sendo feita em termos de estudos feministas.”

Quanto aos procedimentos usados no trato das identidades, os docentes entrevistados afirmam diversificá-los sempre que possível. Além de aulas expositivas, discutem-se textos (acadêmicos ou não) e promovem-se dinâmicas e jogos.

A professora Alba analisa artefatos culturais com os quais os alunos interagem: “peço que eles vejam propagandas de televisão, novelas, programas de uma forma geral ou filmes e tragam

exemplos para que a gente possa discutir em cima das estereotípias que estão sendo criadas por esses veículos”.

A professora Andréa emprega distintas estratégias: seminários, discussões, filmes, exercícios, depoimentos.

“Muito em cima de discussões, de posicionamentos com relação a vídeos, a textos. Muita questão de exercícios. Quando eu vou encaminhar um texto eu passo questões centrais e algumas delas eu recolho. (...) O que você achou desse vídeo? Escreva. Comparando esse vídeo com o texto que a gente leu sobre a questão da identidade racial, o que você acha que esse vídeo, o discurso desse vídeo, enfatizou mais? Você próprio já sofreu racismo ou você já sofreu algo que está nesse vídeo? Então, esse tipo de dinâmica favorece muito a gente conhecê-los.”

A professora Paula comenta que, em uma de suas turmas, pede aos alunos que tragam comentários escritos sobre as aulas assistidas nas escolas em que estagiam. Ao abordar especificamente a infância, recorre a imagens de criança que ela própria leva e pede “para elas trazerem, por exemplo, imagens de criança na mídia. Então, a gente discute que criança é essa que está na mídia. A gente traz uma parte mais teórica (...) para ampliar essa observação da prática”.

Já a professora Marta afirma trabalhar com “*n* dinâmicas”, inclusive com histórias em quadrinhos do Maurício de Souza, buscando relacioná-las aos temas apresentados nas aulas. Também: filmes, leitura de livros (acadêmicos ou não), jogos (como “quem fica dentro, quem fica fora”).

“(...) Eu me lembro de uma vez que eu fiz, por exemplo, uma dinâmica sobre a pena de morte. Então, foi impressionante identificar que a maior parte do grupo ficou do lado que era a favor da pena de morte. E isso era uma discussão enorme, mas por quê? Quem deve morrer? Quem determina quem deve morrer? Que conceitos morais, que juízos estão em vigor nessa iniciativa de vocês de acharem que deverá ter a pena de morte?”

A professora Isaura também busca variar os procedimentos usados em suas aulas. Diálogos, debates, filmes, recortes de jornais.

“Eu levei o recorte de jornal inclusive para a sala de aula. Reproduziram e fiz um debate sobre isso. É uma técnica que eu gosto muito de usar. Que é pegar elementos do dia-a-dia, elementos da vida, do Brasil, (...) e trazer para a sala de aula e colocar em debate. E os alunos, todos eles, são contrários ao casamento entre iguais.”

Que concepções de identidade os professores escolhem adotar? Pode-se afirmar que domina uma perspectiva correspondente ao sujeito pós-moderno de Stuart Hall, a despeito da permanência de perspectivas mais associáveis ao pensamento moderno.

A professora Alba afirma conceber identidade “no sentido da perspectiva pós-crítica, na concepção de identidade não fixa”. Acrescenta que continua a valorizar a classe social como categoria fundamental, a ser cruzada com gênero e raça.

A professora Andréa também se inclina para o enfoque pós-moderno de identidade, ainda que destacando sua crença em um componente biológico.

“Eu vejo a identidade (...) como uma construção que se vai fazendo, nos diversos espaços a que os sujeitos estão tendo acesso. (...) Mas, eu não elimino o fato de ter algum componente biológico. Eu não acho que a identidade é totalmente construção, ela tem um componente biológico, mas ele não é o determinante. O que é determinante mesmo é como essa biologia, essa essência, ela vai interagir com esses diversos espaços. E ela é sempre múltipla, ela é multifacetada.”

O professor Murilo, embora pouco discuta em suas aulas a questão da identidade, valoriza os benefícios trazidos por uma visão do indivíduo como amálgama de múltiplas identidades. A perspectiva sociológica do “homem plural” (LAHIRE, 2002) faz-se presente.

“Eu acho que tem benefícios (...) pensar que o indivíduo não é uma coisa unidimensional. Pensar que o indivíduo talvez não seja um todo coerente. (...) Mas, na verdade, quando você vai ver os grupos, também é a mesma coisa. Então, eu acho que essa idéia de múltiplas identidades, (...) na verdade não tem nada de muito original na sociologia.”

A professora Isaura exime-se de conceituar identidade. Em suas palavras: “efetivamente, eu considero conceituar identidade, ou conceituar qualquer coisa, um reflexo de uma razão instrumental, iluminista, que não me agrada muito”. Mas chama a atenção para como os jogos de linguagem afetam as identidades.

(...) é muito difícil você colocar para o aluno no primeiro período, por exemplo, que as construções conceituais que eles têm são frutos de uma imposição do jogo de linguagem da sociedade, da família, da escola etc. (...) Dizer que o conhecimento é um mero jogo de linguagem entre iguais, principalmente, aí entra a questão da identidade.

Na concepção da professora Paula, explicita-se a influência dos espaços culturais na construção das identidades.

“(...) eu tenho sensibilizado para que eles entrem em contato com aquilo que lhes constituem em termo de cultura, em termos de inserção no mundo. Tenho trazido, assim, sempre uma discussão dos espaços que eles circulam. Eu procuro ter um espaço na sala de aula em que a gente socialize também filmes a que a

gente assistiu, recomendações de espaços que a gente viu. Porque eu entendo, assim, que esse professor, esses futuros professores, eles vão tendo que ir lidando com uma série de conhecimentos, que vão necessariamente estar trabalhando com a auto-estima deles, que têm a ver com essa questão da identidade.”

Para a professora Marta identidade e subjetividade são vistas como expressões sinônimas: “eu estou entendendo identidade como um sujeito, é um olhar da psicologia. (...) a identidade, volto a repetir, eu estou entendendo como subjetividade”.

Algumas considerações sobre as perspectivas dos docentes

A discussão das identidades já se vem travando nos cursos que hoje formam, nas universidades, novos docentes. Entre seis professores de uma universidade pública, cinco afirmam trabalhar o tema. Mesmo o que não o prioriza termina por discutir cotas raciais e relações de gênero, ainda que de forma breve. Ou seja, os professores parecem reconhecer o destacado papel da educação na construção de quem somos (MOITA LOPES, 2002), o que permite afirmar que a temática da identidade é parte integrante da formação docente na universidade em pauta.

As entrevistas expressam algumas dúvidas e contradições nas formas como os docentes abordam e concebem a temática, o que não invalida o caráter promissor dos esforços desenvolvidos. Representam, sim, subsídios para o aprimoramento de uma formação de docentes sensíveis à pluralidade identitária e promotores de práticas discursivas questionadoras da homogeneização (CANEN, 1999).

A análise das entrevistas suscitou-nos algumas reflexões, a seguir apresentadas. Com elas, pretendemos ressaltar pontos que vemos como tensões e desafios a serem enfrentados nas iniciativas de fortalecer a formação que defendemos.

Em primeiro lugar, ressaltamos o caráter profícuo de uma abordagem das identidades que se centre no processo de sua construção na própria sala de aula. Essa perspectiva permite que melhor se compreenda como as interações ocorridas especificamente em contextos institucionais escolares contribuem para que os alunos aprendam a se constituir como seres sociais. Focalizar a dinâmica das interações favorece a análise tanto dos meios usados pelos participantes nas práticas discursivas quanto dos significados elaborados no processo (MOITA LOPES, 2002). Alteridade e contexto se mostram cruciais nessa análise, pois as identidades sociais emergem “na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados” (MOITA LOPES, 2002, p. 37).

Ao privilegiarmos as interações, podemos realçar, como fazem alguns dos docentes entrevistados, tanto as práticas discursivas da sala de aula da universidade quanto as práticas

discursivas da escola. A intenção é entender como tais práticas afetam o processo, que não se interrompe, de construir e reconstruir significados e identidades.

Como as interações são assimétricas, desenvolvendo-se em meio a relações de poder, são válidos e louváveis os cuidados de alguns docentes entrevistados com seus estudantes. Os esforços por decorar seus nomes, por ouvi-los, por conhecer um pouco de suas experiências e suas trajetórias, certamente fazem sentido. São também salutares as tentativas de variar os procedimentos pedagógicos e, entre eles, priorizar a análise das relações de poder e das representações que imprimem suas marcas em artefatos culturais com os quais os estudantes entram em contato.

Em segundo lugar, destacamos o quanto a visão de uma identidade descentrada e mutável, já presente na formação de professores, pode favorecer, na escola, uma ação docente que estimule uma construção mais livre das identidades dos estudantes. Se não se aceitam mais modelos pré-fixados, a serem inevitavelmente seguidos, e se são possíveis diferentes caminhos, buscas, contradições e mudanças nas inevitáveis interações com outros indivíduos, o aluno pode ser liberado de insistentes pressões para constituir sua identidade de uma dada maneira, aceita sem questionamento.

O que estamos acentuando é a vantagem de não se adotarem, na contemporaneidade, concepções fixas e consistentes do que possam ser a boa vida e a identidade “correta”. Em vez de versões definitivas de identidade, o que convém abraçar é o propósito de concluir a tarefa, iniciada na modernidade, de desencaixar o indivíduo de sua identidade herdada. Vale, então, estimulá-lo a escolher livremente a sua identidade e a se responsabilizar por suas opções. O direito a essa escolha constitui, para Bauman (1998), a única universalidade do ser humano.

Como consequência, no trabalho com as identidades, tanto na formação de professores, quanto na escola, há que se levar em conta a possibilidade de diferentes modelos de identidade competirem pelo preenchimento do vazio deixado pelo abandono da noção essencialista de identidade. Entre as muitas representações possíveis, cabe valorizar, reiteramos, as que acentuarem a autonomia individual. Para Luckmann (2007), a autonomia do indivíduo converteu-se hoje em uma idéia dominante, em um sonho compartilhado por amplas camadas da população. Para tentarmos concretizá-lo, ao menos em parte, precisamos favorecer, na escola, o “desencaixe” do aluno.

Em terceiro lugar, realçamos a necessidade de se compreender a tensão entre o universal e o particular, expressa nas distintas visões de identidade – da modernidade e da contemporaneidade – adotadas pelos docentes entrevistados. A nosso ver, há alternativas ao modo como vem sendo pensada essa tensão, não no sentido de superá-la, mas, no sentido de situá-la em outro patamar. Nossa proposta, com base em Laclau (1996), é que se conceba o universal como símbolo de uma

plenitude ausente e o particular como existindo no movimento contraditório de afirmar uma identidade diferencial e, ao mesmo tempo, de anulá-la por sua inclusão em um contexto não-diferencial.

A identidade de uma minoria étnica, por exemplo, não se define apenas pelas características, sentimentos, lutas e conquistas que unem os membros do grupo. A identidade só irá constituir-se plenamente no interior de um contexto. Essa inserção decorre de certos princípios universais que a minoria quer e precisa compartilhar com o resto da comunidade, tais como o direito a uma boa educação, a uma alimentação adequada, a uma vida decente, a um trabalho dignamente remunerado, a uma participação efetiva nas decisões políticas. O universal mostra-se, então, parte das identidades, na medida em que uma falta constitutiva marca indivíduos e grupos, na medida em que as identidades diferenciais fracassam parcialmente no processo de sua constituição. O universal emerge, assim, do particular, como horizonte incompleto que costura uma identidade particular deslocada.

Que vantagens essa perspectiva nos traz no trabalho com as identidades? Podemos considerar que sugere uma abordagem mais geral das identidades na escola e na formação docente, na qual o direito à diferença se inscreva no seio de uma comunidade global, no interior de um espaço no qual o grupo em questão conviva e requeira compartilhar certos valores com outros grupos. Trata-se, em síntese, do desafio de se atender, nas escolas e na formação docente, ao que Hall (2003) denomina de dupla demanda por igualdade e diferença. Sustentamos que tal postura permite que se evitem posições contraditórias em que se preservem núcleos essenciais no âmago das identidades, ou que se reduza identidade ao que é sempre semelhante a si mesmo, negando-se a íntima conexão entre identidade e diferença.

Certamente há cuidados que se fazem necessários ao adotarmos a concepção pós-moderna de identidade (MOREIRA, 2005), assim como há riscos na construção da formação docente que defendemos (e que já vem sendo materializada por alguns professores). Situações conflituosas podem emergir nas interações. Preconceitos podem ser enunciados. Alguns de nossos entrevistados mencionaram mesmo terem passado por momentos delicados em discussões sobre sexualidade, relações de gênero e religião. Com habilidade, porém, contornaram as dificuldades, o que permitiu que visões congeladas de padrões identitários hegemônicos pudessem ser desafiadas. Consideramos, então, significativos os avanços já obtidos, tanto em termos teóricos quanto práticos. As falas de nossos entrevistados autorizam-nos a afirmar que o projeto de formação em pauta é possível, desejável e urgente.

Referências bibliográficas

- BAUMAN**, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CANEN**, Ana. Multiculturalismo e formação docente: experiências narradas. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, jul/dez 1999; v.24, n.2, p. 89-102.
- CARLSON**, Dennis. & **APPLE**, Michael. W. Teoria educacional crítica em tempos incertos. In: **HYPOLITO**, Álvaro M. & **GANDIM**, Luís Armando (orgs.). *Educação em tempos de incertezas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GARCÍA CANCLÍNI**, Néstor. La construcción de identidades en la interculturalidad global. In: **DREHER**, Jochen et al. (Orgs.). *Construcción de identidades en sociedades pluralistas*. Buenos Aires: Lumiere, 2007.
- HALL**, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997 a.
- _____. Minimal selves. In: **GRAY**, Ann & **McGUIGAN**, Jim (Ed.). *Studying culture: an introductory reader*. Londres: Arnold, 1997b.
- _____. Quem precisa de identidade? In: **SILVA**, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LACLAU**, Ernesto. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996.
- LUCKMANN**, Thomas. Condiciones estructurales necesarias para la constitución de la identidad personal. In: **DREHER**, Jochen et al. (Orgs.). *Construcción de identidades en sociedades pluralistas*. Buenos Aires: Lumiere, 2007.
- MIEDEMA**, Siebren & **WARDEKKER**, Willem L. Emergent identity versus consistent identity: possibilities for a postmodern repoliticization of critical pedagogy. In: **POPKEWITZ**, Thomas S. & **FENDLER**, Lynn (eds.). *Critical theories in education: changing terrains of knowledge and politics*. New York: Routledge, 1999.
- MOREIRA**, Antonio Flavio B. Currículo e Estudos Culturais: tensões e desafios em torno das identidades. In: **SILVEIRA**, Rosa Maria H. (org.). *Currículo, cultura e poder*. Canoas: Editora da ULBRA, 2005.
- MOREIRA**, Antonio Flavio B & **MACEDO**, Elizabeth F. Currículo, identidade e diferença. In: **MOREIRA**, Antonio Flavio B. & **MACEDO**, Elizabeth F. (orgs.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora, 2002.
- MOITA LOPES**, Luiz Paulo. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- SARUP**, Madan. Hogar, identidad y educación. In *Volver a pensar la educación* (vol. I). Política, educación y sociedad (Congreso Internacional de Didáctica). La Coruña: Paideia

/ Madrid: Morata, 1995.

SARUP, Madan. *Identity, culture and the postmodern world*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu. Dr. Nietzsche, curriculista – com uma pequena ajuda do Professor Deleuze. In: MOREIRA, Antonio Flavio B. & MACEDO, Elizabeth F. (orgs.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.